

ENTRE HOLLYWOOD E BOLLYWOOD

MARIA TASHEVA

(excerto de “Caixa postal de contos”, compiladora Geri Turiyska, segunda parte)

Desde criança, imagino como vou casar, ter filhos, cão, uma casa bonita, muitas flores, dias de sol, jogos com a família – como nos filmes. Mas na realidade – uma criança que chora, mucos, noites de insónia, caos, nem um inteiro par de meias, falta de 5 minutos de tempo pessoal, aquelas coisas domésticas e, em geral, uma vida medíocre. Não, não me queixo, mas, alguém devia contar o que se passou com a Cinderela depois dos três dias de festa.

E a minha avó continuava a dizer-me: “Tens que saber, minha filha, que existe um destino que te dirige e não podes escapar dele, independentemente do que fizeres.” Ela tinha 18 anos quando conheceu o meu avô. Viviam em duas aldeias vizinhas. Ela – a única filha do homem mais rico nos arredores, e ele – um pobre estudante de medicina em Sófia. Um amor enorme! Mas aconteceu a gafe, e a minha avó ficou grávida antes do casamento. Ela disse-lhe e o avô desapareceu por duas semanas sem deixar rasto. Era inverno e a pobrezita tomou a penosa decisão de ir à Sófia no dia seguinte para procurar um lugar onde podia fazer o que se fazia nesses casos para esconder a vergonha. Acordou muito cedo de manhã e foi à estação do comboio, mas, por causa da muita nevada, uma rocha enorme tinha caído sobre os carris e os comboios não passavam. Voltou a casa e à noite chegou o meu avô com toda a família para que a quisessem e fizessem um noivado. Que bom que teve esse azar sem que nem a minha mãe, nem eu iríamos existir. Eh, pá, como nos filmes. E assim, 55 anos de casamento. Destino! Um destino maravilhoso!

Quando era pequena gostava muito que a avó me contasse essa história e sonhava com um cavaleiro, que eu era uma princesa e que se combatiam por mim, sonhava com um vestido de crinolina e uma coroa de ouro. Porém, cresci e esqueci-me do destino. E, quando conheci o meu marido, cruzava-me e pensava “a pobre mulher que vai escolhê-lo”. Durante anos e anos olhava-o frequentando os clubes nocturnos e ficava cada vez mais pasmada. Dez anos mais tarde somos casados!? Ai, destino maldito, troçaste de mim, ou quê?! Mas, eis que tudo acontece, de uma aposta, que fizemos com ele nasceu o amor. Como nos filmes. Daqueles bons filmes – os americanos. Como “As Pontes de Madison”. Destino! Ai, avó, minha avó, tinhas razão – não posso escapar do meu destino.

A não falar que, ainda antes de nos conhecermos, me adivinharam o futuro por brincadeira através do café e disseram-me que a minha felicidade

está relacionada com um lugar de flores. E agora vivemos na capital na rua “Temenuga”, que em búlgaro significa “violeta”. E começo a espantar-me se é por acaso, ou por causa desse destino de que não é possível escapar. E sou eu própria que invento um filme. Será que existe uma conspiração mundial? Será que existem alienígenas e forças cósmicas? Ou que nos esparzem algo por cima a fim de adoecermos? Comemos produtos OGM, ou nós próprios somos um OGM? Contudo, um filme.

O meu filme não é mau, parece uma tragicomédia. Todas as semanas compro um bilhete da lotaria e, nada. É de quaisquer jogos que a gente conseguiu ganhar, ou até encontra algo na rua, e, quanto a mim, o melhor que vou encontrar será uma merda de cão. Um dia o destino sorriu para mim também – ganhei 2 levas da lotaria. Que graça! Que luxo! Mandei o destino aos diabos e meti o bilhete no porta-luvas. E esqueci-me dele. Até ao momento em que me achei no parque de estacionamento em Iliyantsi sem ter nem uma moeda. E o estacionamento custa 2 levas que se pagam ao sair. E agora? Eu não tenho 2 levas, 2 levas não tenho. E apercebi-me daquele maldito bilhete da lotaria de que pensava que era mais uma das troças do destino. Mas não era assim, o destino fazia outros planos. Imediatamente troquei o bilhete no próximo posto de gasolina e tornei-me numa orgulhosa dona de 2 levas. Senti-me como “Quem Quer Ser um Milionário?”. É assim como se fazem os filmes. E não é verdade isso que 2 levas não podem arrumar a vida.

Então, com um estacionamento pago e uma consciência tranquila, fui para casa, onde sou a protagonista. Cada um com o seu papel – para o pequeno eu sou a má, e o pai é sempre bom. Com certeza, isso não é assim todos os dias – há dias em que sou Cinderela, outros em que sou Dra. Quinn, a Mulher que Cura e outros em que sou a Princesa e o Grão de Ervilha. E eu cá, querendo ser um Peter Pan.

E agora não posso entender se tudo depende de mim ou do destino? A vida é curta e no nosso último instante a vimos toda como numa fita cinematográfica. Resulta que o destino é um diretor. Portanto a gente não tem de fazer outra coisa além de ter muito cuidado durante o casting, ler bem o cenário, não fazer muitos erros, porque é possível não ter direito a outra gravação e rezar que o diretor não mate o seu herói antes da segunda ação!

Happy End a todos!

Tradução de búlgaro: Ina Mikova